

PESQUISA NARRATIVA EM TRÊS DIMENSÕES¹

Guilherme do Val Toledo Prado – FE-UNICAMP – gvptoledo@gmail.com

Rosaura Soligo – FE-UNICAMP – rosaurasoligo@gmail.com

Vanessa França Simas – FE-UNICAMP – simasvanessa@yahoo.com.br

Na atualidade, depois de vários séculos sob o império do método, hipnotizados ainda pelo discurso moderno, estamos começando – ainda que timidamente – a sacudir-nos com o jugo desse feitiço metódico, a navegar nos mares da incerteza e da criatividade. Mas o preço que temos que pagar para isso inclui a renúncia à ilusão de um saber garantido e absoluto. Essa não é uma tarefa simples, pelo contrário, requer a aceitação de nossa finitude, de nossa limitação, de nossa incompletude radical de todo conhecer. Não obstante, essa é a única forma de abrir as portas à invenção, à imaginação, ao destino e à diferença. Em contrapartida, pelo espaço assim regenerado, poderá entrar o erro, mas, em caso contrário, não temeremos nada mais que a eterna repetição do mesmo, do já dado.

Denise Najmanovich

O propósito deste artigo é explicitar um dos tipos de pesquisa narrativa que desenvolvemos no GEPEC - Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada, na Faculdade de Educação da Unicamp. O fato de tratar-se de uma abordagem com características nem sempre coincidentes com outras pesquisas também chamadas narrativas, nos levou a não apenas sistematizar as informações sobre o modo como desenvolvemos nossos trabalhos como também à adoção de um tipo de adjetivação complementar. Trataremos aqui, portanto, do que chamamos “pesquisa narrativa em três dimensões”.

A abordagem teórico-metodológica que desenvolvemos pressupõe dimensões narrativas produzidas simultaneamente e de forma articulada ao longo da pesquisa e dizem respeito às fontes de dados, ao registro do percurso, que é constitutivo da produção de dados, e ao modo de produzir conhecimento. Isso porque os dados vão sendo produzidos a partir de narrativas escritas pelo/s sujeito/s, o percurso do trabalho é registrado progressivamente em uma narrativa reflexiva e este texto – em construção permanente – não é apenas uma forma final de registro, mas um recurso privilegiado também de produção de dados e de ação-reflexão em busca do conhecimento possível para iluminar a compreensão sobre o que se pesquisa. Trata-se, portanto, de um tipo de pesquisa qualitativa, que, pela natureza do tema e

¹ Uma versão deste texto foi publicada em VICIPA - Congresso Internacional de Pesquisa (Auto)Biográfica – Modos de Viver, Narrar e Guardar (6; 2014: Rio de Janeiro, RJ)

pretensão dos objetivos, em geral prescinde de dados quantitativos e de recursos de comprovação convencional por incidência, recorrência ou outros dispositivos similares.

Se considerarmos o estudo feito por Esteban (2010, p. 128 a 144) sobre os vários tipos de pesquisa qualitativa, a partir de classificações propostas por diferentes autores, o “enquadramento” geral do tipo de pesquisa que desenvolvemos seria o seguinte: humanista; aberta e flexível; culturalmente contextualizada; pautada na análise contínua e progressiva das informações disponíveis para a produção de dados; holística; constituída a partir da experiência do/s sujeito/s tal como é vivida e sentida por ele/s; interpretativa e focada na compreensão das pessoas dentro de seu próprio âmbito de referência; pautada na convicção de que todos os cenários e perspectivas têm valor e são dignos de estudo; voltada aos indícios, às singularidades; válida pela coerência epistemológica; comprometida ética e esteticamente com a produção de novos conhecimentos; construída a partir de um pensamento metacognitivo do pesquisador; pressupõe um processo de implicação do pesquisador/autor; tomar a si mesmo como fonte importante de dados, pelo exercício de reflexão sobre o percurso da pesquisa.

Antes de seguir com o detalhamento das três dimensões narrativas das pesquisas que desenvolvemos, faremos uma justa referência a pesquisadores que também trabalham com narrativas, mesmo que em outras perspectivas.

Referências no campo da pesquisa narrativa

Encontramos, na literatura disponível, autores que utilizam a narrativa como fonte de dados, como método de análise e/ou registro do trabalho de pesquisa. No entanto, os pesquisadores cujos trabalhos mais se aproximam do nosso não são muitos: os canadenses Connelly e Clandinin e os espanhóis Antonio Bolívar, Jesus Domingo, José Rivas, David Herrera Pastor e outros que se alinham com estes na defesa da abordagem chamada investigação narrativa e/ou investigação biográfico-narrativa.

Os autores canadenses tomam a narrativa tanto como fenômeno a ser investigado quanto como método utilizado na investigação e afirmam que narrativa é o nome dessa qualidade que estrutura a experiência a ser estudada e é também o nome dos padrões de investigação adotados para estudá-la (Connelly e Clandinin, 1995, p. 12). Ao dizerem da investigação narrativa, explicam que "um pesquisador entra nessa matriz no durante e progride no mesmo espírito, concluindo a pesquisa ainda no meio do viver e do contar, as

histórias de experiências que compuseram as vidas das pessoas, em ambas perspectivas, individual e social" (CLANDININ e CONNELLY, 2011, p. 51).

Apoiados na ideia de experiência de Dewey, sobre a experiência ser contínua (cada uma pressupõe a próxima) e interativa (a experiência é tanto individual como social), e na compreensão que têm sobre o pensamento e as experiências serem vividos narrativamente, os autores criaram a metáfora do que chamam *espaço tridimensional*² da investigação narrativa. Nessa metáfora a temporalidade é uma dimensão, o individual e o social uma segunda e o lugar uma terceira dimensão. Isso porque nessa metodologia o pesquisador estaria sempre se movimentando nesse espaço, isto é: introspectivamente, extrospectivamente, retrospectivamente, prospectivamente e situado em um lugar (Clandinin e Connelly, 2011, p. 84).

Já os autores espanhóis defendem que a investigação biográfico-narrativa é uma metodologia específica de recolha e análises de dados e que consiste em solicitar que os sujeitos contem histórias sobre acontecimentos e ações e, a partir de uma análise conjunta, interpretem e construam novos relatos, onde devem inscrever mudanças e melhoras (Bolívar, Domingo, Fernández, 2001, p. 16).

Os autores (Bolívar, Domingo, Fernández, 2001, pp. 107 e 109) chamam atenção para uma diferenciação entre análise de narrativas e análise narrativa, duas possibilidades de tratar os dados. Enquanto a análise de narrativas tende, em geral, a um tratamento paradigmático, taxonômico, categorial dos dados narrativos, em busca de generalizações do grupo estudado, a análise narrativa consiste em estudos baseados em casos particulares, em que a análise produz uma narrativa em diálogo com os dados, procurando evidenciar elementos particulares que configuram uma história, e não produzir generalizações. A tarefa do pesquisador, no segundo caso, seria de configurar os elementos dos dados em uma história que unifica e a eles dá sentido. “Él análisis requiere que el investigador desarrolle una trama o argumento que le permita unir los elementos temporal o tematicamente, dando una respuesta comprensiva de por qué sucedió algo.” (BOLÍVAR, DOMINGO e FERNÁNDEZ, 2001, p. 110)

Apesar de os pesquisadores canadenses e espanhóis nomearem de modo diferente o tipo de pesquisa que desenvolvem – como investigação narrativa e investigação biográfico-narrativa respectivamente –, entendemos que não há diferenças substanciais, uma vez que Bolívar, Domingo e Fernández afirmam que

² Ainda que nossas pesquisas tenham também essa perspectiva tridimensional que os autores defendem, não é a ela que estamos nos referindo quando falamos de pesquisa narrativa em três dimensões, mas sim a três “lugares” articulados da narrativa: nas fontes de dados, no registro da dissertação/tese e no modo de produzir conhecimento.

hablamos de investigación biográfico-narrativa (lo que los alemanes llaman pädagogische biographieforschung, los franceses l'approche biographique, los anglosajones biographical research o narrative inquiry), y no de método biográfico-narrativo, porque (...) entendemos que actualmente, más que una estrategia metodológica (como, por ejemplo, la entrevista biográfica), ha llegado a ser un enfoque propio o perspectiva específica. (Bolívar, Domingo, Fernández, 2001, p. 54)

A narrativa figura nesse tipo de pesquisa como fonte de dados, método e o uso formativo (promover mudanças na própria prática e formação através da narrativa do sujeito) que se pode fazer das narrativas (Connelly e Clandinin, 1995).

A grande aproximação metodológica e epistemológica que temos com esses autores, que são nossas referências principais no campo da pesquisa narrativa, e a necessidade de explicitar como procedemos, em razão das peculiaridades em relação ao que eles defendem, resultaram na caracterização que passamos a fazer.

Três dimensões narrativas articuladas

A luta entre a forma e o conteúdo está no próprio pensamento: o conteúdo luta por se formar. (...)

A dificuldade de forma está no próprio constituir-se do conteúdo, no próprio pensar ou sentir, que não saberiam existir sem sua forma adequada e às vezes única.

Clarice Lispector

Nosso pressuposto é que as pesquisas podem ser narrativas em três “lugares” – nas **fontes de dados**, no **registro do percurso** e no **modo de produção de conhecimento** – e o modo que pesquisamos se caracteriza como experiência narrativa em todos eles, de forma articulada. Isso significa uma ousada aventura de autoria, uma vez que o autor produz narrativamente a pesquisa, de forma progressiva, e produz narrativamente o seu registro por escrito, também ele fonte de dados que se constitui no percurso – em diálogo com as narrativas que são as fontes de dados iniciais. E esta não é uma escolha fácil de administrar ao longo da pesquisa, por várias razões. Se a coerência estética que buscamos entre fontes de dados, registro e modo de produzir conhecimento, sempre narrativos, sugere facilidades óbvias pela suposta ausência de contradições acentuadas, esta é uma conclusão enganosa. Se por um lado é certo que a convergência das escolhas favorece uma articulação orgânica, de modo que a escrita progressiva de uma narrativa do processo é recurso privilegiado para a

produção de conhecimento, por outro existe uma tensão permanente entre o registro em uma forma narrativa e o gênero em questão – que, no caso, será sempre dissertação ou tese (ou outro tipo de relatório de pesquisa acadêmica), ainda que registrados narrativamente.

Para compreender melhor os efeitos provocados por esta tensão é importante ter em vista os tipos de pensamento que se realizam nos discursos manifestos nos textos escritos.

Bruner (2002) argumenta que há dois modos distintos e complementares de pensamento: narrativo e lógico-científico (ou paradigmático). São modos diferentes de funcionamento cognitivo que remetem a modos diferentes de se relacionar com a experiência e com a realidade e, segundo entendemos, definem modos diferentes de organização do discurso e do texto que lhe dá materialidade. Diz assim o autor:

O modo paradigmático se apoia em argumentos lógicos e funciona como uma tentativa de preencher o ideal de um sistema formal de descrição e explicação, que lança mão de procedimentos de caracterização ou conceitualização e das operações pelas quais as categorias são estabelecidas, instanciadas e relacionadas umas às outras para formar um sistema (...) Seu domínio é definido não apenas por elementos observáveis aos quais suas afirmações básicas se referem, mas também pelo conjunto de mundos possíveis que podem ser gerados logicamente e testados contra os elementos observáveis – ou seja, é conduzido por hipóteses fundamentadas. (p.13-14).

Esse é o modo de pensamento que comanda o discurso acadêmico, os gêneros que são porta-vozes desse discurso predominante na academia e as formas textuais de registro das pesquisas. Transgredir as formas de registro pressupõe, para o pesquisador, subverter os modos de se relacionar com a sua experiência, com a realidade que é objeto de sua análise, com o discurso predominante e com as formas canônicas de apresentação do texto final. Pressupõe “pensar de outro modo”. E, se a perspectiva for de privilegiar formas narrativas de registro, será preciso então privilegiar um modo narrativo de pensar.

Ainda conforme Bruner (2002),

O modo narrativo de pensamento trata de ações e intenções humanas ou similares às humanas e das vicissitudes e consequências que marcam o seu curso. Ele se esforça para colocar seus milagres atemporais nas circunstâncias da experiência e localizar a experiência no tempo e no espaço. (...) A história tem que construir dois panoramas simultaneamente. Um é o panorama da ação, onde os constituintes são os argumentos da ação: agente, intenção ou objetivo, situação, instrumento, algo que corresponde a uma “gramática da história”. O outro é o panorama da consciência: o que os envolvidos na ação sabem, pensam ou sentem ou não sabem, não pensam ou não sentem. Os dois panoramas são essenciais e distintos... (p.14-15).

O panorama da consciência é o que nos interessa especialmente: o que o pesquisador sabe, pensa e sente e o que não sabe, não pensa e não sente em relação ao seu trabalho de

produção de conhecimento. Entendemos que o modo narrativo de pensamento é não só mais potente, mas o que permite essa perspectiva autoral e a coerência estética que buscamos ao articular as três dimensões narrativas a que nos referimos. O desafio é garantir os elementos imprescindíveis a uma tese/dissertação, que são historicamente relacionados ao modo paradigmático de pensamento, porém concebidos a partir de um modo narrativo de pensar, agir e registrar a experiência.

Realizados na linguagem, os dois modos de pensamento podem ser igualmente convincentes, mas com perspectivas bem distintas. O modo paradigmático é convincente porque se apóia em provas empíricas, proposições, uso de categorias e conceitos, relações de causalidade, generalizações em busca de uma verdade universal, consistência teórica comprovada. Já o modo narrativo é convincente porque busca verossimilhança, apresenta condições prováveis entre dois eventos, transgride a consistência podendo ser contraditório, transcende o particular e tenta abstrações. Um se caracteriza pela corrida ao encontro “da verdade”, outro pela construção de uma coerência verossímil.

O registro como lugar da narrativa

Pelos meus textos sou mudado mais do que pelo
meu existir.
Manoel de Barros

Escrever a tese em um tipo de registro narrativo, cujas características são ‘antagônicas’ ao tipo de pensamento/discurso lógico-científico vinculado à composição convencional das teses/dissertações – introdução, objetivos, justificativa, problema, metodologia, análise de dados e conclusão – traz dificuldades consideráveis ao autor do texto porque se constitui num exercício permanente de construção por desconstrução.

Além do que, o registro narrativo na primeira pessoa do singular tem outra especificidade que tende a ampliar a complexidade da escrita, pois a situação é de produção de um tipo de discurso autobiográfico. Quando é assim, indiscutivelmente aquele que escreve desempenha três papéis de sujeito a um só tempo: autor, escritor e personagem protagonista. E, ainda que possa sugerir ficção literária, este tipo de registro é uma escrita de si, datada, contextualizada, nascida de uma experiência pessoal sensível. O personagem, neste caso, protagoniza a cena em relação à experiência de pesquisador, à autoria do texto e à escrita que

produz para ‘reter’ a narrativa e comunicar um conhecimento que considera válido. É sujeito em três perspectivas, portanto.

Nesse contexto de produção de uma pesquisa que se pretende narrativa sem-deixar-de-ser-pesquisa, potencializado pela tensão gênero-texto a que nos referimos, a energia do autor-escriptor que o pesquisador encarna terá de voltar-se para favorecer a máxima aproximação possível entre o que pretende dizer, o que efetivamente diz – neste complexo contexto de produção – e o que poderá compreender o leitor.

As fontes de dados como lugar da narrativa

Sabedoria pode ser que seja ser
mais estudado em gente do que em livros.
Manoel de Barros

Das três dimensões narrativas a que nos referimos, a que consideramos menos complexa – talvez também porque mais exercitada por pesquisadores de diferentes abordagens, que têm, inclusive, deixado ótimas contribuições – é a das fontes de dados. Depoimentos orais, histórias de vida e de ficção, memoriais, entre outros gêneros, há muito são utilizados nas pesquisas em ciências humanas e é grande o repertório de trabalhos desse tipo que podemos consultar.

Foi a mudança paradigmática – quando a noção de ciência positivista começou a ser contestada, pois os referenciais teóricos e metodológicos das ciências naturais já não eram vistos como meios para compreender as questões das ciências sociais – que possibilitou que as memórias, as narrativas e as biografias e autobiografias ganhassem espaço e reconhecimento como fontes de dados nas pesquisas. (Souza, 2007, pp. 61 e 62).

Ao discorrer sobre essa mudança no campo educacional, Rivas Flores (2009, pp. 26 e 27) enfatiza que parte do tempo que antes era destinado para buscar maneiras de orientar a prática do professor passa a ser destinado a compreender o que ocorre dentro das escolas e com as pessoas que ali estão. E essa ascensão de um paradigma compreensivo implicou, “para a produção de conhecimento, a emergência de uma concepção científica mais acessível à pluralidade do saber humano”, bem como reconheceu “a perspectiva da complexidade como estruturante da existência do ser no mundo” (SOUZA, 2007, pp. 64 e 65). Pluralidade e complexidade que passam a ganhar visibilidade quando os pesquisadores trazem para a pesquisa a voz dos sujeitos; quando depoimentos e textos sobre si e sobre experiências vividas tornam-se conjunto de informações de uma pesquisa; quando a singularidade é considerada.

Assim, os pesquisadores que trabalham com a narrativa como fonte de dados usam desse recurso para compreender como os sujeitos da pesquisa vivenciaram determinada experiência e como vão significando e ressignificando o vivido.

O modo de produzir conhecimento como lugar da narrativa

Renunciar ao método não implica cair no abismo do sem sentido, mas abrir-se à multiplicidade de significados.

Denise Najmanovich

Feitas as considerações sobre as dimensões de registro e de fontes de dados, passamos ao modo de produzir conhecimento narrativamente no contexto da pesquisa. O exercício permanente de construção por desconstrução ocorre também nesse caso, porque essa escolha implica aceitar a deriva como movimento inevitável na travessia.

Humberto Maturana (2001) desenvolve, na biologia, a ideia de deriva, que é potente também nas ciências humanas, pois permite vislumbrar algumas possibilidades de escolha no curso da travessia: segundo o autor, a palavra deriva diz respeito a um curso que se produz, momento a momento, nas interações do sistema e suas circunstâncias (2001, p.81). E Maria Teresa Esteban (2003, p. 133) empresta essa ideia para tratar da pesquisa do/no cotidiano e afirma que estar à deriva não significa se mover indiscriminadamente para qualquer direção, pois os deslocamentos são demarcados pelas interações que se apresentam como possíveis: as escolhas, entre tantas, não são arbitrárias, do mesmo modo que a interpretação dialoga com as possibilidades que vão se constituindo na história de interações recorrentes do pesquisador.

Nesse tipo de navegação, segundo entendemos, há quatro os movimentos necessários ao pesquisador³, (Alves, 2001, p. 14-16):

O primeiro movimento se refere ao fato de que a trajetória de um trabalho assim precisa ir além do que foi aprendido com as virtualidades da modernidade, na qual o sentido da visão foi exaltado. É preciso executar um **mergulho com todos os sentidos** no que desejo estudar. Pedindo licença ao poeta Drummond, tenho chamado esse movimento de **o sentimento do mundo**. O segundo movimento a ser feito é compreender que o conjunto de teorias, conceitos e noções que herdamos das ciências criadas e desenvolvidas na chamada modernidade e que continuam sendo um recurso indispensável, não é só apoio e orientador da rota a ser trilhada, mas, também e cada vez mais, limite ao que precisa ser tecido. Para nomear esse

³ Embora a perspectiva teórico-metodológica desta pesquisa não coincida exatamente com a abordagem de pesquisa do/no cotidiano, praticada por Nilda Alves e seu grupo, os movimentos metodológicos que a autora propõe são totalmente coerentes com a perspectiva que adotamos.

processo estou chamando de **virar de ponta cabeça**. Para ampliar os movimentos necessários, creio que o terceiro deles, incorporando a noção de complexidade, vai exigir a ampliação do que é entendido como fonte e a discussão sobre os modos de lidar com a diversidade, o diferente e o heterogêneo. Creio poder chamar a esse movimento de **beber em todas as fontes**. Por fim vou precisar assumir que para comunicar novas preocupações, novos problemas, novos fatos e novos achados é indispensável uma nova maneira de escrever, que remete a mudanças muito profundas. A esse movimento talvez se pudesse chamar de **narrar a vida e literaturizar a ciência**.

Tomamos como compromissos do pesquisador esses caminhos metodológicos a que a autora se refere, por serem pertinentes e inspiradores nesta aventura de conhecimento que é a pesquisa narrativa em três dimensões. Mas não é um desafio fácil.

Aqui nos deteremos brevemente em uma delas, que merece maior explicitação pelo fato de ser pouco abordada geralmente: virar de ponta cabeça a forma de obter os dados.

Entendemos a obtenção de dados como um processo de produção do pesquisador a partir do universo de informação de que dispõe. Por isso não utilizamos a expressão “coleta” e sim “produção” de dados: as informações formam um conjunto no qual o pesquisador mergulha com todos os sentidos para encontrar os dados que contribuem para sua compreensão da questão que se propôs a investigar. Em uma pesquisa que toma narrativas como fonte de dados, elas todas são o conjunto de informações disponíveis e os dados serão somente as informações úteis para “responder” à questão da pesquisa que, evidentemente, quanto mais clara estiver, mais favorecerá esse processo a que chamamos de produção, por ser uma obra de autoria do pesquisador.

Nesse sentido, talvez não seja demais fazer aqui uma referência à relação entre reflexão e reflexão por escrito, entre narrativa e narrativa escrita. Ainda que façamos a defesa da escrita como potencializadora da reflexão – como plataforma de lançamento a níveis cada vez mais refinados de compreensão do real, do vivido, do pensado – sabemos muito bem que é possível refletir mesmo quando não escrevemos, até mesmo quando não falamos. E, se considerarmos que o pensamento tem uma forma predominantemente narrativa, também essa constatação nos permitirá compreender que não narramos apenas ao falar e escrever, mas também ao pensar.

Portanto, a narrativa reflexiva sobre a pesquisa não acontece apenas pelo exercício da escrita, embora este seja um momento privilegiado para organizar os pensamentos já construídos ou em processo de formação. Por essa razão, nos parece que realizar o registro escrito da pesquisa somente após o processo de produção e análise dos dados representa uma dificuldade desnecessária e uma escolha pouco compatível com a convicção de que escrever

ajuda a pensar melhor, a refletir com mais clareza e a tomar consciência do que era até então inconsciente. E se a perspectiva for também de produzir de dados a partir da narrativa do percurso, então esse tipo de escolha de escrever somente no final será um erro.

Outro aspecto ainda sobre a produção de dados diz respeito à pergunta da pesquisa, isto é, à questão central que orienta as escolhas em todo o percurso. Há pesquisadores que consideram que a pergunta deve surgir apenas no percurso e não *a priori* da pesquisa narrativa. Esse é um posicionamento metodológico (e ideológico) que não adotamos, ainda que tenhamos a convicção de que tudo possa mudar no percurso, inclusive a própria questão, por força dos acontecimentos em uma viagem que pressupõe navegação à deriva.

Passamos agora a comentar como, nesse processo, tem sido possível experimentar diferentes movimentos para a tomada de consciência do já vivido, de modo a vislumbrar outros horizontes de possibilidades e produzir conhecimento.

Os três lugares complementares

Clandinin e Connelly (2011), ao conceituarem o espaço tridimensional da investigação narrativa que desenvolvem, afirmam que nessa abordagem o pesquisador move-se no tempo, move-se entre o individual e o social e move-se em um contexto.

Ao escrever “no durante” sobre a experiência vivida, seja quando se produz dados, seja nos momentos de registro da pesquisa, o pesquisador coloca-se inevitavelmente em um lugar exotópico (Bakhtin, 2010). Isto é, para escrever, distancia-se do vivido e, de um outro lugar – e, portanto, com outro olhar – consegue enxergar coisas inalcançáveis antes, de onde estava. Possui, assim, um novo olhar, possível a partir dos novos sentidos que se constituem pela experiência de distanciamento, “estranhamento” e ressignificação do vivido. Esse lugar que experimentamos implica uma reflexão sobre a ação que, por sua vez, nos permite tomar consciência, construir horizontes de possibilidades – e, para atingi-los, modificamos necessariamente o presente, produzindo, assim, conhecimento na/pela experiência não só de narrar e investigar, mas também de inventar e reinventar as ações a partir de tomadas de consciência.

Ademais, a exemplo do que ocorre nos trabalhos de Clandinin e Connelly (2011), também a nossa perspectiva pressupõe uma deriva entre o social e o individual, porque todo o percurso é construído com o outro, ao tomar a narrativa do outro, e a própria, como fonte de dados. Isso acontece mesmo quando a pesquisa tem também uma linha autobiográfica: ao

mirar o vivido “de outro lugar”, fazemos do eu *um outro de si próprio*. Bakhtin muito bem explica como ocorre esse ir e vir em nossa travessia, visto que

ao momento da empatia segue sempre o da objetivação, ou seja, o de situar fora de si mesmo a individualidade compreendida através da empatia – separando-a de si mesmo. Somente tal consciência que retorna a si mesma confere forma estética, do seu próprio lugar, à individualidade apreendida desde o interior mediante a empatia, como individualidade unitária, íntegra, qualitativamente original (BAKHTIN, 2010, p. 61)

Esse movimento entre o social e o individual pressupõe que *o eu vá até seus outros*, veja o mais possível o que o outro lhe mostra de si, e vice-versa, e com um excedente de visão – possibilitado pelo outro, ou por si mesmo enquanto *outro de si* – “volte” com um olhar ampliado, potencializado, mais abrangente.

O deslocamento no tempo – passado presente e futuro – e no território social e individual é também um navegar em contexto: ao mesmo tempo em que age sobre o contexto, o lugar em que se encontra, e o modifica, o pesquisador também é por ele modificado. Afinal, “toda experiência genuína tem um lado ativo que, de algum modo, muda as condições objetivas em que se passam as experiências” (DEWEY, 2010b, p. 40).

Em outras palavras, o pesquisador, suas experiências – de investigar e escrever – e o contexto da pesquisa modificam ele próprio, as experiências que vão acontecendo e o contexto, sempre dialeticamente, em todo o percurso. Por isso, ainda que se tenha “uma questão a compreender” e um plano esboçado de navegação para tanto, nunca se saberá ao certo o lugar de chegada até lá chegar. Nossa convicção é de que o exercício da reflexão por escrito “no durante” potencializa substancialmente a tomada de consciência, e de decisões, o que nem sempre ocorre quando o registro é realizado ao final, depois de desenvolvida a pesquisa.

Esse tipo de escolha metodológica pressupõe não rotinizar os acontecimentos, não naturalizá-los como óbvios, não atropelar a singularidade e não acreditar em uma verdade única, geral, absoluta, tal como postula a ciência positivista. Podemos afirmar que na nossa maneira de pesquisar, ao atribuir sentidos às relações, construímos verdades *pravdas* e não *istinas*.

É um triste equívoco, herança do racionalismo, imaginar que a verdade [*pravda*] só pode ser a verdade universal [*istina*] feita de momentos gerais, e que, por consequência, a verdade [*pravda*] de uma situação consiste exatamente no que está tem de reprodutível e constante, acreditando, além disso, que o que é universal e idêntico (logicamente idêntico) é verdadeiro por princípio, enquanto a verdade individual é artística e irresponsável, isto é, isola uma dada individualidade. (Bakhtin, 2010, p. 92)

Sim, de nossa perspectiva não existe “a” verdade, existem muitas verdades: cada um constrói sua/s verdade/s a partir da realidade que vive, da experiência de viver, da história de sua vida, dos sentidos que atribui às coisas, ao mundo, a si, ao outro. A partir da investigação sobre o vivido, a perspectiva é compreender a experiência e, dessa maneira, extrair lições dos acontecimentos, ao invés de buscar somente o que tem de reprodutível e constante a experiência.

A pesquisa narrativa, tal como a realizamos, em três dimensões articuladas, implica construir saberes e conhecimentos a partir das interpretações e compreensões possíveis no percurso, a partir das ações que vão acontecendo. Não para propor verdades absolutas, pois não está absolutamente em questão defender uma verdade única, mas para dar sentido às múltiplas verdades existentes.

Referências bibliográficas

- ALVES, N. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In OLIVEIRA, Inês B. *Pesquisa no/do cotidiano das escolas: sobre redes de saberes*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- BAKHTIN, M. M.. *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- BOLÍVAR, A.; DOMINGO, J.; FERNÁNDEZ, M.. *La investigación biográfico-narrativa en educación – enfoque y metodología*. Madrid: Editorial La Muralla, 2001.
- BRUNER, Jerome. *Realidade mental: mundos possíveis*. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- CLANDININ, D.J.; CONNELLY, F. M. *Pesquisa Narrativa – Experiência e História em Pesquisa Qualitativa*. Uberlândia: EDUFU, 2011.
- CONNELLY, F. M.; CLANDININ, D. J.. *Relatos de Experiencia e Investigación Narrativa*. In: LARROSA, J.. *Déjame que te cuente: ensayos sobre narrativa y educación*. Barcelona: Laertes 1995.
- DEWEY, J.. *Ter uma experiência*. In: *A arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010a.
- DEWEY, J.. *Experiência e educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010b.
- ESTEBAN, Maria Paz Sandín. *Pesquisa Qualitativa em Educação – Fundamentos e tradições*. Porto Alegre: Artmed, 2010.

ESTEBAN, Maria Teresa. Sujeitos singulares e tramas complexas – desafios cotidianos ao estudo e à pesquisa. In GARCIA, Regina Leite (org.). *Método, Métodos, Contramétodo*. São Paulo: Cortez, 2003.

FIORENTINI, D. A didática e a prática de ensino mediadas pela investigação sobre a prática. In: ROMANOWSKI, J. P.; MARTINS, P. L. O.; JUNQUEIRA, S. R. (orgs.). *Conhecimento local e conhecimento universal: pesquisa, didática e ação docente*. Curitiba: Champagnat, 2004. v.1

MATURANA, Humberto. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

RIVAS FLORES, J. I. Narración, conocimiento y realidad. Un cambio de argumento en la investigación educativa. In: RIVAS FLORES, J. I.; HERRERA PASTOR, RIVAS FLORES, J. I.; HERRERA PASTOR, D.. *Voz y educación – la narrativa como enfoque de interpretación de la realidad*. Barcelona: Editorial Octaedro, 2009.

SOUZA, E. C.. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, AD., and HETKOWSKI, TM., (orgs). *Memória e formação de professores* [online]. Salvador: EDUFBA, 2007. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org>.